



A mansão em 2005, quando ainda era habitada por Edegar Cid Ferreira. Com projeto de Ruy Ohtake, a casa foi arrematada em um leilão em fevereiro por R\$ 27,5 milhões e será transformada em uma escola infantil de alto padrão

A ARTE NO OCASO

Como o declínio do império do ex-banqueiro Edegar Cid Ferreira levou a leilão na pandemia, por valores muito abaixo do mercado, uma coleção excepcional com obras reverenciadas que brilhavam nos salões do então mecenas e deixou o mundo das artes no País em estado de choque em 2020

por BIANCA CUTAIT, art advisor em Miami

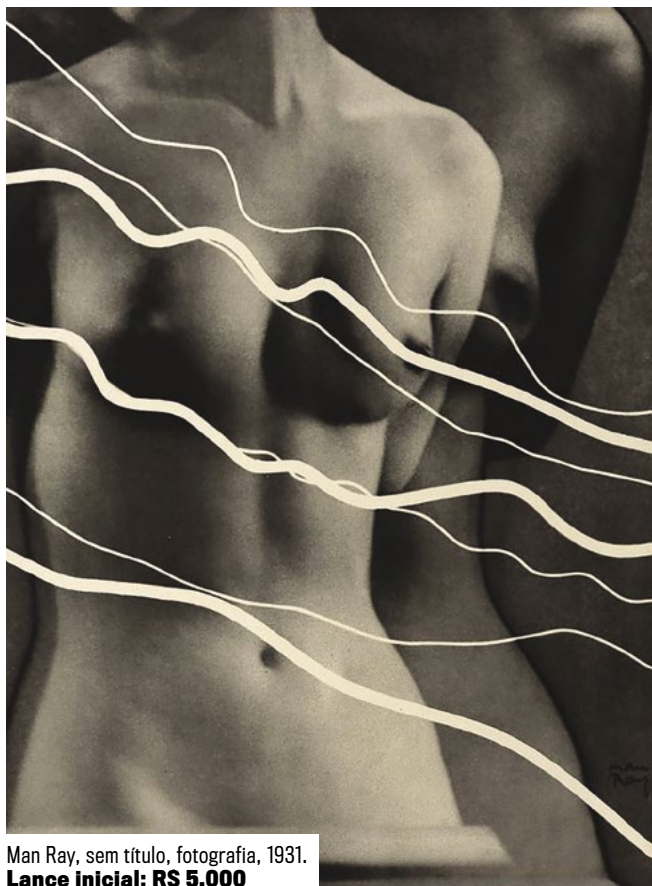
O ÚLTIMO GRANDE LOTE DO LEILÃO DE OBRAS, FOTOS E OBJETOS

do ex-banqueiro Edegar Cid Ferreira, e outros pertences que integram o acervo da massa falida do Banco Santos em São Paulo, arrecadou R\$ 25 milhões em dez dias entre 21 de setembro e 2 de outubro deste ano. Os lances iniciais somavam R\$ 4,25 milhões e projetavam ganhos de R\$ 7 milhões. O dinheiro arrecadado pagará os credores do banco, que teve a falência decretada pela Justiça em 2005, com uma dívida de mais de R\$ 3 bilhões.

A obra mais cara vendida no primeiro dia foi "The Foundling N#6", do minimalista americano Frank Stella, que tinha como lance inicial previsto de R\$ 3 milhões, mas foi vendido por R\$ 4,2 milhões.

O acervo tinha 1.968 peças entre fotos, telas, esculturas e objetos pessoais. No primeiro dia também foi vendida uma obra de Cildo Meireles, com lance inicial de R\$ 20 mil mas arrematada por R\$ 1,35 milhão. Um rascunho da pintura "Operários", feito pela própria Tarsila do Amaral antes da pintura original, atualmente exposta no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo de São Paulo, foi vendido por R\$ 1,2 milhão e tinha lance inicial de R\$ 32 mil. Também foi exposta no leilão uma obra de Tunga, com lance inicial de R\$ 46 mil e vendida no primeiro dia por R\$ 1,035 milhão. O total contabilizado com quadros, esculturas, fotografias e esboços de artistas famosos, quando se somam os R\$ 25 milhões do mais recente leilão de obras ligadas ao Banco Santos, chega a R\$ 151 milhões. O valor é duas vezes o que foi obtido com imóveis e mais de cinco vezes o valor de venda da mansão de 4,5 mil m², projetada por Ruy Ohtake e paisagismo de Burtel Marx.

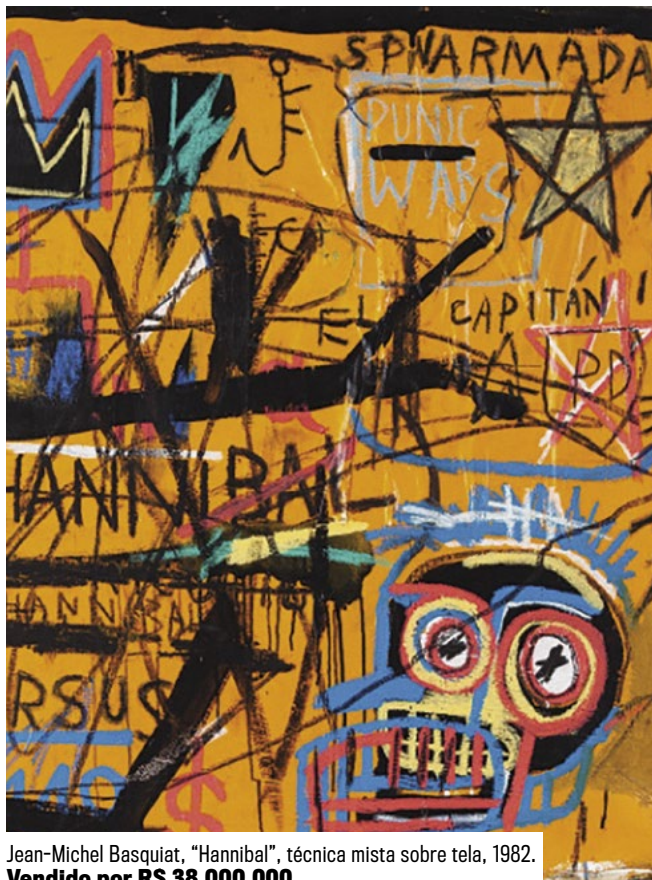
A seguir, a art advisor Bianca Cutait narra os tempos áureos do então mecenas das artes, fala sobre a importância das obras e da coleção e conta como o último leilão, com lances iniciais muito abaixo do mercado para obras tão icônicas, estremeceu o mundo das artes no Brasil em 2020.



Man Ray, sem título, fotografia, 1931.
Lance inicial: R\$ 5.000



Jeff Koons, "Cut Out", impressão 4/1.000, 1999.
Lance inicial: R\$ 3.000



Jean-Michel Basquiat, "Hannibal", técnica mista sobre tela, 1982.
Vendido por R\$ 38.000.000



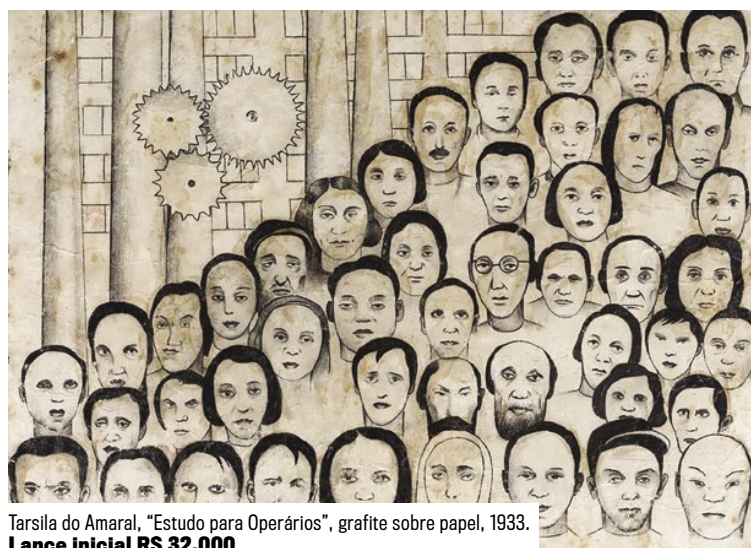
Thomaz Farkas, "Telhas", fotografia, 1947.
Lance inicial: R\$ 2.000



Frank Stella, "The Foundling #6", acrílica sobre tela, 2004.
Lance inicial R\$ 3.000.000

MAN RAY FOI UM ARTISTA AMERICANO

muito conhecido por ser conhecido como um fotógrafo francês. Sim, uma confusão comum que muitas pessoas ainda fazem. Emmanuel Radnitzky, seu nome de batismo, era desconhecido até mesmo por pessoas próximas a ele. Man Ray foi um homem discreto, mas um artista muito proeminente na cena cultural de Paris pós-Segunda Guerra Mundial, onde viveu por muitos anos, criando então essa possível confusão com sua nacionalidade. Para um leigo, não há problema algum fazer esse tipo de confusão. Para um profissional, é um tanto quanto absurdo. Man Ray foi muito enaltecido por suas fotografias do absurdo do movimento avant-garde e surrealista do qual ele fez parte. Seus reconhecidos portfólios até hoje são de suma importância para a história da fotografia. Farkas Tamás György, mais conhecido como Thomaz Farkas, fotógrafo húngaro que viveu em São Paulo a maior parte de sua vida, estudou e fez uma importante carreira profissional no Brasil. Suas obras estão em coleções como o MoMA, em Nova York, e o Masp, dentre outros museus e coleções privadas importantes, que fazem com que seu trabalho seja reconhecido pelo mundo afora. Sua fotografia icônica "Telhas" foi um grande sonho de consumo para mim durante anos, desde que eu a vi ao vivo pela primeira vez, e sua perfeição estética me chamou a atenção. Maureen Bisilliat é uma fotógrafa inglesa cujas obras também pertencem a coleções institucionais essencialíssimas, como o Museu Guggenheim, de onde também foi agraciada com um 'fellowship', grande passo na carreira de um artista. Apesar de seu nome enigmático, Maureen mora no Brasil desde seus 26 anos de idade, e aqui fez carreira, publicou livros e se consagrou como uma das fotógrafas mais importantes do país.



Tarsila do Amaral, "Estudo para Operários", grafite sobre papel, 1933.
Lance inicial R\$ 32.000

O que esses três fotógrafos têm em comum, e com artistas como Frank Stella, Henry Moore, Jean-Michel Basquiat, Tarsila do Amaral, Brecheret, Louise Bourgeois, Rufino Tamayo? Fora o fato de seus trabalhos estarem alocados em influentes museus, terem participado de Bienais, serem desejados por tantos críticos e entendedores – suas obras pertenciam à polêmica e imponente coleção de Edemar Cid Ferreira. Tive a oportunidade de conhecer a coleção no auge de seu dono. Me lembro perfeitamente dos espasmos de emoção que eu tinha, com tantas obras de calibre dentro de uma mesma casa. A casa em si era uma obra de arte, projetada para ser admirada como tal. Em alguns cômodos, onde as obras eram mais protuberantes, havia banquetas para que as pessoas pudessem sentar e admirá-las. A luz natural era quase que projetada para que nenhuma fotografia fosse danificada e pudesse correr o risco de desbotar com a ação natural do tempo. Era tudo extremamente



Maureen Bisilliat, sem título, fotografia, 1970.
Lance inicial R\$ 2.000



Claudia Andujar, "Reahu em Toototobi", fotografia, 1976.
Lance inicial R\$ 1.000



Cildo Meireles, "Quadro Negro", técnica mista, 1986.
Lance inicial R\$ 20.000



Bob Wolfenson, retrato de Edegar Cid Ferreira, fotografia sem data.
Lance inicial R\$ 500

bem cuidado e pensado, como poucos lugares onde eu já havia estado. Até o dia em que a casa caiu – figurativamente falando. Quero reiterar e me focar aqui no fator coleção de arte, e a importância cultural que uma coleção privada representa, independentemente a partir deste momento, de seu histórico financeiro e forma de aquisição. A coleção de Edegar Cid Ferreira foi, sem sombra de dúvidas, uma das mais completas e extremas que o Brasil já teve em seu território, e dificilmente tantas outras poderão chegar a esse patamar. Edegar sabia cada detalhe de cada obra que ele havia selecionado ao longo dos anos, recitava cada ficha técnica com louvor e contava longas histórias e curiosidades da vida dos artistas que ele cuidadosamente havia escolhido. Sabia pronunciar cada nome, independentemente da língua mãe e da complicação fonética da denominação.

O dia em que aquela bela casa caiu, eu sabia que aquelas obras talvez nunca mais encontrariam uma outra casa como aquela. Por decisões judiciais, todas as peças encontradas na mansão e na sede do Banco Santos iriam para leilão, assim como tantas outras que estavam espalhadas por armazéns especializados e aclimatados. Numa tarde fria de Nova York, me deparei com algumas peças em exposição na Sotheby's, e imediatamente reconheci como obras que pertenciam à coleção – uma delas inclusive era a capa do catálogo daquela temporada. Olho em volta e várias outras peças refrescam a minha memória da casa. Lá estavam, bem acomodadas,

Todas as imagens que ilustram a matéria foram retiradas do catálogo do leilão do acervo de Edegar Cid Ferreira

bem cuidadas, esperando seus novos donos brigarem por suas considerações. E ao longo dos anos muitas das obras vêm sendo acondicionadas pelo MAC, em São Paulo, que com esse último leilão arcou com o prejuízo de seus cuidados astronômicos. O que eu costumava chamar de "lack of understanding", ou a pura falta de compreensão com o que estava sendo leiloado, me surpreendeu. O portfólio de Man Ray foi desparelhado e vendido separadamente. O famoso mural de Frank Stella foi arrematado por um valor incompreensível. Copos, pratos, fotografias da família de férias, tapetes, fotografos anônimos – tudo isso meros detalhes em comparação à dissolução desse conjunto. Honestamente, não consegui entender quais foram os critérios utilizados para a realização e avaliação desse leilão. O desrespeito com o histórico dos ícones da fotografia mundial me desanimou em acompanhar online horas de leilão – que travou incontáveis vezes ao longo das noites em que aconteceu ao vivo. Foi dissolvida, a valores atribuídos irrisórios, uma das maiores coleções que o Brasil já teve. Existe sim uma disparidade dos preços avaliados e consequentemente atingidos nesse leilão. Mas há também uma linha muito fina onde o bom-senso se desapega da necessidade material. A importância dessa coleção estava na coleção em si, o valor cultural era um todo, garimpado com um rígido critério de escolha. Para esse mercado de arte talvez já não exista absurdo para tantos absurdos que já existem.